

Editorial

Em Dezembro de 1552, na pequena ilha de Sanchoão, não muito longe do actual território de Macau, morria um padre jesuíta de origem espanhola, conhecido como Francisco Xavier. Vários navios portugueses estavam então ancoradas nessa pequena ilha deserta ao largo da província chinesa de Guangdong, pois ali funcionava desde cerca de 1549 um informal ponto de trocas entre mercadores chineses e estrangeiros oriundos dos mais diversos pontos do Mar do Sul da China. O padre Francisco Xavier tentava então conseguir entrada na China, onde pretendia desenvolver actividades missionárias, no âmbito de um projecto mais vasto de “conquista espiritual” do Oriente. Uma década depois da sua chegada a Goa, o missionário jesuíta, na sequência de extensas e ininterruptas viagens através dos mares orientais, levadas a cabo sobretudo a bordo de navios portugueses, conseguira traçar uma espécie de cartografia religiosa do extenso litoral asiático. A China e o Japão apareciam como objectivos prioritários para a missão católica que a Companhia de Jesus pretendia desenvolver em terras asiáticas.

A comunidade informal de portugueses que usavam Sanchoão como trampolim de acesso aos mercados de Cantão tinha demonstrado activa oposição aos projectos do padre Francisco Xavier, uma vez que sabiam que qualquer interferência externa poderia deitar a perder o frágil equilíbrio negocial luso-chinês conseguido ao fim de muitos anos de cuidadosos contactos informais. Por isso mesmo, os documentos da época revelam que a morte do missionário jesuíta foi praticamente ignorada pelos portugueses que em princípios de Dezembro ainda estanciavam em Sanchoão. Um único português teria assistido ao funeral de Francisco Xavier, acompanhado apenas pelo fiel servo chinês do padre jesuíta.

Poucos anos mais tarde, a Companhia de Jesus trataria de recuperar os restos mortais daquele que fora um dos seus mais carismáticos fundadores,

promovendo a respectiva trasladação primeiro para Malaca e logo depois para Goa. A descoberta do corpo incorrupto de Francisco Xavier desencadeou de imediato na Índia um intenso movimento de devoção, que rapidamente alastraria para a Europa, vindo a culminar, décadas mais tarde, na beatificação e na canonização do jesuíta navarro. A China, destino terreno último de Xavier, adquiriu estatuto de terra da promessa entre as hostes jesuítas, que ali depositarão muitas das suas expectativas missionárias.

O estabelecimento dos portugueses em Macau, a partir de 1557, veio facilitar os contactos da Companhia de Jesus não só com a China, mas sobretudo com o Japão, onde se desenvolve ao largo da segunda metade de Quinhentos uma larga e activa comunidade católica. O projecto missionário inaugurado no arquipélago nipónico por Francisco Xavier em 1549 produziria a curto prazo inesperados frutos, dando origem a um período da história japonesa que, visto da Europa, costuma ser designado como “século cristão do Japão”.

Avanços decisivos seriam conseguidos nos contactos jesuítas com a China e com o Japão a partir da década de 1570, por acção de Alessandro Valignano, visitador jesuíta nas partes do Oriente, que foi responsável pela institucionalização de métodos adaptacionistas no trabalho missionário desenvolvido nestas regiões asiáticas. Com efeito, e por inspiração do padre italiano, os jesuítas intensificam no arquipélago japonês os processos de aprendizagem da língua e dos costumes nipónicos, com uma crescente adaptação dos missionários ao ambiente envolvente, que produz resultados surpreendentes em termos de adesão dos japoneses à doutrina católica. Entretanto, na China, também sob a égide de Valignano, dois padres jesuítas são especialmente destacados para aprenderem a língua sínica e para decodificarem as mais

O Papa Paulo III recebe S. Francisco Xavier e os seus companheiros.
Óleo sobre tela de André Reinoso (século XVII). Sacristia da Igreja de S. Roque,
Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. Fotografia de Júlio Marques.

THE SPIRITUAL CONQUEST OF THE FAR EAST. FROM XAVIER TO VALIGNANO



DE XAVIER A VALIGNANO. A CONQUISTA ESPIRITUAL DA ÁSIA

relevantes práticas civilizacionais chinesas. E, graças a estes esforços, em 1583 a Companhia de Jesus consegue abrir a sua primeira casa em Zhaoqing, no cumprimento de uma cuidadosa estratégia que em breve conduzirá Matteo Ricci até à capital imperial chinesa.

Francisco Xavier e Alessandro Valignano, em momentos sucessivos, podem ser encarados como os grandes responsáveis tanto pela paulatina difusão do cristianismo na China e no Japão que teve lugar a partir de meados do século XVI, como pelo crescente conhecimento adquirido pelos europeus das realidades chinesas e nipónicas, graças à aprendizagem das línguas locais. Se ambos estiveram ligados à “conquista espiritual” da Ásia Oriental, ambos faleceram em território chinês, o primeiro na ilha de Sanchoão em 1552, o segundo em Macau em 1606.

Eis a lógica editorial do presente número, que aproveita o duplo centenário que se celebra em 2006 para relembrar os padres jesuítas Francisco Xavier e Alessandro Valignano: por um lado, quinto centenário do nascimento de S. Francisco Xavier (1506-2006); por

outro lado, quarto centenário da morte de Alessandro Valignano (1606-2006). Se Francisco Xavier merece a “palma da fortitude” como Apóstolo do Oriente, mal ficaria não relembrar Alessandro Valignano, que soube criar as condições para que o projecto xavieriano de “conquista espiritual” da Ásia Oriental fosse minimamente exequível. Assim, esta edição de *RC* organiza-se em dois conjuntos temáticos que possuem uma relativa autonomia. Em primeiro lugar, um grupo de textos nos quais se aborda S. Francisco Xavier a partir das mais diversas perspectivas, desde os seus passos e escritos concretos até aos ecos múltiplos que gerou em posteriores memórias historiográficas. Em segundo lugar, um conjunto de textos que tomam como ponto fulcral as actividades, os escritos e as directivas do padre Alessandro Valignano. De forma dinâmica e multidisciplinar, ensaiam-se aqui contributos para um mais aprofundado conhecimento não só das carreiras orientais de Xavier e de Valignano, como também do intenso movimento de intercâmbios culturais dinamizado pela Companhia de Jesus em terras asiáticas. **RC**

S. Francisco Xavier despede-se de D. João III.

Óleo sobre tela de André Reinoso (século XVII). Sacristia da Igreja de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. Fotografia de Júlio Marques.



Editorial

In December of 1552, on the small island of Sanchuan, not very far from present day Macao, a Jesuit priest of Spanish origin, known as Francis Xavier, died. Various Portuguese ships were anchored around the small desert island off the coast of the Chinese province of Guangdong; from about 1549 it had been an informal point of exchange between Chinese and foreign merchants originating from the most diverse points of the South China Sea. At the time Father Francis Xavier was trying to enter China, where he intended to pursue missionary work as part of a broader project focussing on the “spiritual conquest” of the East. A decade after his arrival in Goa, the Jesuit missionary had managed to trace a type of religious cartography of the extensive Asian coast in a series of extensive uninterrupted trips throughout oriental waters, mainly aboard Portuguese ships. China and Japan emerged as prime goals for the Catholic missionary initiative that the Society of Jesus sought to pursue in Asian countries.

The informal community of Portuguese who used Sanchuan as a springboard to access the markets of Canton had demonstrated active opposition to Father Francis Xavier’s projects, since they knew that any external interference could jeopardise the fragile balance of Sino-Portuguese trading relations, achieved after many years of cautious informal contacts. For that reason, documents of the time reveal that the death of



St. Ignatius of Loyola, Portuguese School (17th century).
In *São Francisco Xavier. A Sua Vida e o Seu Tempo (1506-1552)*.
Exhibition catalogue, Lisboa, 2005.

Jesuit missionary went virtually unnoticed by the Portuguese, who in early December were still stationed in Sanchuan. Only one Portuguese attended Francis Xavier’s funeral, accompanied by the Jesuit priest’s faithful Chinese manservant.

A few years later, the Society of Jesus would recover the mortal remains of one of its most charismatic founders, removing them first to Malacca and soon after to Goa. The discovery of Francis Xavier’s incorrupt body immediately sparked off an intense devotional movement in India, which quickly spread to Europe, culminating, decades later, in the beatification and canonisation of the Jesuit from Navarre. China, the last

earthly destination of Xavier, acquired the status of the promised-land among the Jesuit brethren, in which they would deposit many of their missionary expectations.

The establishment of the Portuguese in Macao, starting in 1557, eventually facilitated Jesuit contacts with China, and especially with Japan, where, in the second half of the 16th century, a wide and active Catholic community had developed. The missionary work, commenced in the Japanese archipelago by Francis Xavier in 1549, would produce unexpected fruits in the short term, creating a period of Japanese history that from the European perspective was designated as the “Christian century of Japan”.



O GRANDE PATRIARCHA SANTO
INACIO DE LOYOLA COM SEUS
PRIMEIROS COMPANHEIROS OS VE
NERAVEIS PADRES PEDRO FABRO
S. FRANCISCO XAVIER DIOGO
LAYNEZ AFFONSO SALMERÃO
NICOLÃO DE BOBADIÇA SIMÃO
RODRIGUES CLAUDIO JAYO
JOÃO CODURE PASCHASIO
BROET

THE SPIRITUAL CONQUEST OF THE FAR EAST. FROM XAVIER TO VALIGNANO

Starting in the 1570s, decisive progress was made in the Jesuits' contacts with China and Japan, through the action of Alessandro Valignano, Jesuit Visitor to the East, who was responsible for the institutionalisation of "adaptive" methods in the missionary work carried out in these parts of Asia. Indeed, inspired by the Italian priest, the Jesuits stepped up their learning of the language and habits of the Japanese archipelago, with a growing adaptation of the missionaries to the surrounding environment, producing surprising results in terms of adhesion by the Japanese to the Catholic doctrine. Meanwhile in China, also under the aegis of Valignano, two Jesuit priests were sent especially to learn the Chinese language and to decode the most important practices of Chinese civilization. In 1583, largely due to these efforts, the Society of Jesus was able to open its first house in Zhaoqing, as part of a carefully studied strategy that would shortly take Matteo Ricci to the Chinese imperial capital.

In successive periods, Francis Xavier and Alessandro Valignano can be considered the figures primarily responsible for the gradual diffusion of Christianity in China and Japan that took place from the middle of the 16th century, and, due to their study of local languages, the growing European knowledge of China and Japan. Both were closely linked to the "spiritual conquest" of Oriental Asia; both died in

Chinese territory, the former on the island of Sanchuan in 1552, the latter in Macao in 1606.

The editorial logic of this issue takes advantage of the double centenary celebrated in 2006 to remember the Jesuit priests Francis Xavier and Alessandro Valignano: on one hand, the 5th centenary of the birth of St. Francis Xavier (1506-2006); on the other, the 4th centenary of Alessandro Valignano's death (1606-2006). While Francis Xavier deserves the "palm leaf of fortitude"

as Apostle of the East, it would be unfair to forget Alessandro Valignano, who created the conditions that made Xavier's project of the "spiritual conquest" of East Asia in any degree attainable. Thus, this edition of *RC* is organized in two relatively autonomous thematic groups. Firstly, the figure of St. Francis Xavier is studied from the most diverse perspectives, from his travels and specific writings to the multiple echoes that he generated in later historiographic memorials. In second

place the activities, writings and directives of Father Alessandro Valignano are examined. In a dynamic and multidisciplinary form, the essays here contribute to a deepened knowledge not only of the oriental careers of Xavier and Valignano, but also of the intense movement of cultural exchange driven by the Society of Jesus in Asian countries. **RC**



St. Francis Xavier taking his leave of Saint Ignatius of Loyola. Oil on canvas attributed to Domingos da Cunha (17th century). In *São Francisco Xavier. A Sua Vida e o Seu Tempo (1506-1552)*. Exhibition catalogue, Lisbon, 2005.

Translated by PHILOS – Comunicação Global, Lda.

St. Ignatius of Loyola and his companions taking final vows in Montmartre. Artist unknown (17th century). In *Encontro de Culturas. Oito Séculos de Missioneação Portuguesa*. Exhibition catalogue, Lisboa, C. E. P., 1994.